

# O desafio de não ser ignorado

por Ângela Bittencourt  
de São Paulo

O Brasil tem um desafio para esta década: não ser ignorado. Nesse sentido, o governo que toma posse no dia 15 de março já tem pontos a seu favor, ao sustentar o claro objetivo de elevar o País ao grupo dos mais desenvolvidos. Esta é a expectativa de Antônio Boralli, diretor-presidente do Citicorp/Citibank no Brasil.

Com a autoridade de quem tem sua rotina lotada de muitas horas de voo não só para os Estados Unidos, onde está sediado o grupo financeiro, mas também Europa e Ásia, Boralli confessa que a cada retorno ao Brasil a imagem do País vem mais desgastada. "É sofrível", resume.

O Brasil já é desprezado por equívocos cometidos no passado e por decisões que deixaram de ser tomadas. Não é sem espanto que Boralli nota que as mais destacadas publicações internacionais têm colocado o Brasil à margem de suas análises, mesmo as que relacionam desafios de décadas.

Ontem, recebendo a imprensa para um almoço, o diretor-presidente do Citibank abandonava a sobremesa



Antônio Boralli

para mergulhar, animado, numa reflexão sobre a necessidade de mudanças no País. Enfático, Boralli concluiu que as mudanças definitivamente devem emergir da sociedade. "A sociedade precisa decidir o que deseja. Este processo sempre é desencadeado por lideranças, mas é fundamental que ele se espalhe pela sociedade."

Trabalhando no Citibank há quase 19 anos, Boralli, com 41, tem extraído preciosas lições do seu contato obrigatório com o exterior. Uma delas é pouco animadora, mas imprescindível para de-

sencadear ajustes mais severos: "A deterioração da economia não tem limite. Nós sempre acreditamos que a situação dificilmente piora. No entanto, a prática mostra que é sempre possível enfrentar crises mais difíceis. A Argentina é um caso típico. O processo inflacionário no Brasil é outro.

Considerado exemplo clássico de um profissional que deu certo, tendo escalado os postos mais importantes da hierarquia do Citi no Brasil, onde ingressou como "trainee", e sustentando hoje uma carga de trabalho de 14 horas diárias, Boralli é otimista com o futuro.

Acredita que o Brasil passa por uma mudança sutil de filosofia que deve estender-se à prática, mirando para as economias mais desenvolvidas como meta e considerando a inflação como um empecilho ao crescimento e não consequência administrativa.

Esta foi a impressão capturada pelo executivo, que há pouco mais de um mês selava sua trajetória bem-sucedida num dos maiores bancos do mundo, acompanhando o "chairman" John Reed a um encontro reservado com o presidente eleito, Fernando Collor de Mello.